

HOMENAGEM *IN MEMORIAM*

Profa. Dra. Marisa Terezinha Rosa Valladares

Falando sobre Marisa e girassóis

Por Regina Celia Frigério¹



Quando recebi a proposta de homenagear nossa eterna professora Marisa Valladares, um coquetel de emoções emanaram dentro de mim: alegria, euforia, medo e tristeza foram despertadas pelo desejo imenso de fazer o tributo a uma pessoa tão importante para nós, aqueles que, de alguma forma, se aproximaram dessa pessoa que vivia, a cada dia, em completo processo de metamorfose: de lagartas a borboletas aninhadas em flores de girassóis como clara e pura expressão daquilo que acreditamos que o humano deve possuir de sentimento... Marisa com seu amor transformador. Por isso, não há como expressar em palavras essa homenagem, o que a torna apenas rascunhos de desejos pouco alcançados.

Daquele momento em diante, começar a falar sobre Marisa tornou-se desafio: escrever sobre Marisa pessoa ou Marisa profissional? Mãe ou professora? Amiga ou transeunte na estrada da vida? Compartimentar sua história em partes no intento de esmiuçar com detalhes suas características tão peculiares, separando a Marisa professora da Marisa pessoa mostrou-se inviável. Basta olhar o Currículo Lattes e sua importância para o ensino de Geografia está lá escrito, mas sua principal contribuição está no miudinho da vida, naquele lugar onde o modelo produtivista de agentes de fomento e financiadores de pesquisa não consideram como trabalho

¹ Professora Adjunta do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, reginafrigerio@gmail.com



docente: na magia do professorar com o cotidiano olhando alunos como pessoas. Nossos eternos meninos!

Ah... amiga, agora entendo sua paixão por Girassóis! Sua sensibilidade permitia ouvir seus sons quase feitos de silêncios, quando eles, inclinados para o Sol, já te diziam onde seria sua morada eterna.

Assim como o Girassol, que na ausência de luz busca a energia do outro girassol e por isso volta-se para aquele que está ao seu lado, assim você nos fez olhar para o nosso próximo, quando a luz nem mais ao fim do túnel conseguíamos enxergar. Em cada giro do dia, em cada rotação da Terra, você nos ensinava a amar. Amar... Paixão piegas? Jamais! Marisa nos ensinou o amor Freiriano.

Foi estudante do curso de magistério. Normalista em tempos que passar pela rua vestida com um uniforme de saia plissada e patentes na manga da blusa, indicando a série que cursava, não era algo tão normal assim... Todos olhavam... que linda profissão! Admiravam aqueles que, com olhos fitados, também desejavam ver suas filhas um dia alcançando tão belo e notório feito.

Como professora de escola Unidocente trabalhou aula escrevendo no chão, no terreiro da escola, embaixo da mangueira.

Sem carteira de motorista, dirigia o fusca e reunia, com alegria, a comunidade escola: buscou botijas de gás nas mercearias e de doações fez merendas. Com pais de alunos, pintou a escola e a eles ensinou hortar os quintais de suas casas para que a fome saísse fugida daquele lugar que agora se tornava lar.

Na Educação Básica, em escolas de periferia, transformou realidades de meninas e meninos pobres, negros e brancos que nunca ouviram de alguém quão grande eram suas belezas e ainda realizou desfile de realidades, de matrizes africanas.

E com isso, o que se deu? Trabalhando com demografia, com diferentes etnias, eles aprenderam a importância de valorizar suas raízes. Com autoestima resgatada, preparados enfrentaram com destreza o cruel mercado de trabalho que vê na aparência uma nota de corte em entrevistas de emprego.

No Ensino Superior, ensinou que nenhum professor “dá” aula, ele trabalha aula. E juntando nossas ideias, eu completo: usar o verbo correto “trabalhar” é militância. O verbo é ação e direciona nossos pensamentos. Venha conosco, professor? Vamos usar o verbo correto?

Vamos juntos reescrever nossa história para que não restrinjamos o verbo balburdiar como bagunça, mas que possamos dizê-los e fazê-los como barulho da potência da reflexão-ação-reflexão na arte de geografar.

Amiga... você não se cansava, é como flor de Girassol que à noite refaz o caminho de origem, para nós, você se voltava quando triste e desanimados estávamos. Ensinou-nos o mais importante... aquilo que nenhuma escola e nenhuma Geografia escolar se preocupa muito em ensinar... doar: tempo, atenção e cuidado com o outro.

Hoje temos saudades.

Só sentimos saudades de quem nos importa, de quem soube nos levar para dentro de si, como mostra o verbo (im)portar: trazer para dentro. Você nos mostrou como éramos importantes e assim nos desvelou a nós mesmos.

Sim... temos saudades! Você deixou de viver entre nós e passou a viver em nós. O seu legado? Amar a Geografia, amar a escola, amar o aluno... amar a vida!

Sabemos que seu sonho de menina, de um dia se tornar bailarina deve estar se realizando... em danças e andanças deve estar aí no céu bailando nas nuvens e desvelando cada segredo da Geografia celestial.

Sim, temos saudade!

Mas o que são saudades?

A resposta vem de sua escrita sensível alma poetisa:

*"Saudade é igual vontade que a gente sente. Às vezes dói pelo vazio e pelo ausente, às vezes é como o murmúrio de folhas ao sabor do vento ou como um frio no relento."
Escrever sobre você, Marisa, dá saudade sim...
o coração fica arrumando um jeito de falar...
Calma, pessoa desalentada! Ela vai voltar!
Foi ali no MEC trabalhar, preparar BNCC, para o professor não desamparar...
Foi lutar com unhas e dentes pela geografia escolar.
Foi buscar respostas para nossas angústias que levam ao vento o desejo de lecionar.*



*Mas a resposta vem do bestunto...
que sem deixar que passe um minuto
vem logo nos desesperançar...
Corações aflitos, ela não voltará,
Porque com o Sol da Justiça foi se encontrar.*